

## 2.4. *Ars moriendi*: declinações da morte na literatura para a infância e a juventude portuguesa contemporânea

Cláudia Sousa Pereira

([orcid.org/0000-0002-7298-3945](https://orcid.org/0000-0002-7298-3945))

(Universidade de Évora)

Sara Reis da Silva

([orcid.org/0000-0003-0041-728X](https://orcid.org/0000-0003-0041-728X))

(Universidade do Minho)

Ana Margarida Ramos

([orcid.org/0000-0001-5126-4389](https://orcid.org/0000-0001-5126-4389))

(Universidade de Aveiro)



**Resumo:** O panorama editorial português, nas balizas temporais definidas, em que a temática da morte é central ou tangencial, não é abundante, mas é, ainda assim, importante. As obras selecionadas permitem-nos perceber que está presente nos vários géneros, de forma tendencialmente mais explícita ou subtil, caso se trate de obras dedicadas aos adolescentes ou aos mais pequenos. Já herdeira de obras que, na segunda metade do século XX, tratavam a presença da morte de forma realista, ainda que não tão recorrente como nos textos da tradição oral, quando é concretizada, e não apenas subentendida ou figurada, surge associada às figuras dos avós, até mais do que de animais de estimação ou de personagens infantis que, ainda assim, acontecem.

**Palavras-chave:** avós, LIJ, morte, perda, Portugal.

**Abstract:** The Portuguese editorial panorama, in the defined time bands, in which the theme of death is central or tangential, is not abundant, but it is nevertheless important. The selected works allow us to see that it is present in the various genres, in a tendency to be more explicit or subtle, in the case of works dedicated to teenagers or children. Already heir to works which, in the second half of the 20th century, dealt with the presence of death in a realistic way, although not as recurrent as in texts of the oral tradition, when it is concretised, and not only implied or figurative, it appears associated with the figures of grandparents, even more than with pets or children's characters which, even so, do occur.

**Keywords:** children's literature, death, grandparents, loss, Portugal.

### Introdução: estudos sobre o tema da morte na LIJ

Depois de um interesse considerável na década de 70 do século XX, altura em que são publicados a grande maioria dos estudos (Romero, 1974; Marshall, 1975; Bailis, 1978), o tema da morte não voltou a suscitar atenção significativa por parte dos investigadores, à exceção de alguns estudos pontuais, nas décadas de 80 e 90 (Davis, 1986; Gibson & Zaidman, 1991; Arfeux-Vaucher, 1994), até anos mais recentes (Carvalho, 2001; Poling & Hupp, 2008; Wiseman, 2012; Silveira, 2012; Mendes, 2013; Ramos, 2015). Este aparente desinteresse talvez se explique pela atenção desviada para outros temas e universos fraturantes que surgiram entretanto, com a morte a deixar de ser tema proibido ou mesmo tabu.

Ainda assim, o tratamento literário da morte em livros para crianças continua a possibilitar reflexões interessantes, permitindo não só estudar as características dos textos e das ilustrações, mas também a sua receção, tendo em conta que muitas destas obras parecem resultar de uma tentativa de ajudar as crianças a compreender a morte,

permitindo a verbalização do sofrimento resultante da perda. Não é, por isso, estranho, que muitos contributos teóricos sobre esta questão surjam na área da psicologia, com relevo para a infantil, mas também na educação, sublinhando o impacto positivo de algumas leituras no desenvolvimento das crianças relativamente à questão da morte.

O estudo de Angela Wiseman (2012) é paradigmático em alguns destes aspetos, na medida em que concilia várias das abordagens anteriormente referidas. Realizado com base num levantamento exaustivo de todos os livros-álbum sobre o tema publicados entre 2001 to 2011, o trabalho cinge-se depois a uma análise exaustiva de três obras, com vista a evidenciar os elementos que as caracterizam, quer do ponto de vista literário, quer psicológico, mais suscetíveis de ajudar na compreensão do tema e de ajudar as crianças em situações de sofrimento causadas pela morte próxima. Aqui, interessam-nos sobretudo as tendências dominantes do corpus recolhido pela investigadora, num total de 89 livros, permitindo-nos estabelecer comparações com a realidade portuguesa. Assim, no período em apreço, a maioria dos livros-álbum incluía a morte de personagens humanas, com relevo para a morte de adultos, sobretudo de avós. O número de livros que tematizava a morte de crianças era diminuto, três livros no total. A autora também identificou uma prevalência de mortes de personagens masculinos, tanto no caso das humanas como animais, bem como uma variedade de formas de lidar com a morte, algumas eminentemente pessoais, outras decorrentes de rituais sociais, culturais e religiosos mais abrangentes.

Não constituindo um tema particularmente central no panorama nacional, a sua relevância é evidente, o que talvez explique o número considerável de livros traduzidos que tratam desta questão, alargando as possibilidades de escolha dos mediadores, o que também se repercute nos estudos sobre o tema e as suas representações literárias. Pretende-se, assim, com este estudo panorâmico, de cariz não exaustivo, contribuir para a identificação de um corpus exemplificativo e abrangente sobre o tema da morte na literatura para a infância

e juventude portuguesa e contemporânea, percorrendo diferentes modos e géneros literários, na tentativa de identificar algumas das tendências dominantes no seu tratamento.

### **Antecedentes: representações do tema da morte em obras da segunda metade do século XX**

Durante o Estado Novo, a literatura para a infância, vivendo espartilhada por umas *Instruções*, promulgadas em 1950 pelos Serviços de Censura, só muito pontualmente tematiza tópicos aí considerados como “inadequados” ou como “desvio”. Assim se compreende que, por exemplo, a deficiência infantil, a infância desprotegida ou a morte pontuem muito esporadicamente e, até, de forma muitíssimo subtil algumas obras dedicadas às crianças. A título exemplificativo, refira-se, no conjunto restrito de volumes onde é possível pressentir a valorização literária das referidas temáticas, o conto *O Espanta-Paradís* (1961), de Maria Rosa Colaço, texto profundamente simbólico e metafórico protagonizado por um Espantalho solitário e sonhador, que aspira conhecer o mundo, como o seu amigo Vento. O sonho, a amizade, a liberdade, mas também o sofrimento e a morte. Esta corporiza-se no gesto altruísta do herói que, recusando-se espantar as aves, ainda lhes oferece as palhas secas do seu coração e, portanto, a sua vida, para que estas possam construir um ninho. Também em *Histórias de Pretos e de Brancos* (1960), de Maria Cecília Correia, em concreto no conto “Gatos vadios da ilha”, é versada a temática da morte, representada na vida de muitos gatos que viviam pelos telhados cuja morte frequente por fome ou doença suscita muita tristeza, especialmente nas meninas que choravam e faziam enterros. Também o gesto exagerado, mas inocente de uma personagem infantil, com apenas dois anos, que abraça uma cria de gato, resulta tragicamente. A morte deste pequeno gato é sentida não apenas pelas crianças, mas muito especialmente pela mãe-gata que tudo observa a partir de um telhado.

Após abril de 1974 e com o *terminus* da ditadura salazarista, a literatura para a infância passa a ficcionalizar de forma mais aberta novas temáticas, com particular incidência, por exemplo, para a ecologia, a condição infantil, as desigualdades sociais e, ainda, a morte. O conto *O elefante cor-de-rosa* (1974), de Luísa Dacosta, é um dos exemplos de ficcionalização alegórica e simbólica da temática da morte. Perpassado por linhas como o sonho, a imaginação, a entreajuda ou a solidariedade, o percurso do elefante protagonista não deixa de sugerir, ainda, o “outro lado”: a perda, a partida, a tristeza e a morte, constituindo esta uma forma especial de sublimação.

De Matilde Rosa Araújo, com ilustrações de Maria Keil, *O gato dourado* (1977) é uma coletânea de contos nos quais a morte também se encontra tratada. Esta representa o eixo ideotemático fundamental, por exemplo, em “O gato dourado”, texto que empresta o título ao volume, um conto repleto também de infância, que fica na memória pela sensível mensagem de amor pela vida e de sabedoria que ao leitor oferece. Saber compreender a morte, mas compreendê-la sempre aquecidos e a correr ao Sol (lexema expressiva e significativamente reiterado no texto) é o que a menina e a forma como encara a perda do seu gato especial nos ensinam.

Em *Os olhos de Ana Marta* (1990), a morte perpassa todo o relato, ainda que de forma velada. Neste romance de Alice Vieira, um dos mais marcantes da extensão produção literária vocacionada para juvenis, são dadas a ler distintas formas de encarar a morte, assim como se tenta lidar com a dor da perda, como crianças e adultos se relacionam neste contexto vivencial e, ainda, como, entre todas estas coisas, surge o amor. Com Marta, a protagonista, convivem outras figuras fisicamente presentes, como Leonor, a velha criada contadora de histórias, Flávia, a mãe já sem idade de ser mãe de ninguém, ou Lumena, a amiga, mas com ela também acabam por andar lado a lado outras personagens ausentes, cuja existência é, antes de tudo, imaginada pela menina de onze anos. A figura ausente fisicamente, mas que, afinal, determina todo o conflito a partir do qual a história desponta, é Ana Marta, a irmã da narradora, uma criança cuja morte

num acidente de viação representa a perturbação generalizada de toda a família, especialmente da protagonista Marta, que se debate no labiríntico desafio não só de conquistar o coração da sua mãe Flávia, mas também de se auto-afirmar enquanto ser único, incapaz de substituir a irmã desaparecida.

Nos vinte e três poemas que integram *As fadas verdes* (1994), de Matilde Rosa Araújo, coletânea ilustrada por Manuela Bacelar, pressentem-se algumas sugestões de morte, tópico tratado de forma metafórica e a partir de sugestões simbólicas, como anuncia, desde logo, o seu poema-pórtico “Que o silêncio / verde...”, composição poética na qual o cruzamento das ideias de silêncio, negro e cinzas, associadas à floresta e à sua destruição, poderão ser extrapoladas para a vida em geral. Na mesma linha e tendo igualmente a natureza no seu centro, o poema “Cortar” tematiza também a ideia com que abre a obra, mas, desta vez, a partir da alusão ao corte de árvores. Já no texto “Alegre Menina”, a brevidade da vida é representada através da poetização de uma papoila encarnada “que tão pouco dura”. A morte surge, ainda, associada às ideias de tragicidade e de amor. Veja-se, por exemplo, o poema “O Amor”. E mesmo no poema que fecha a coletânea não deixa de ser ambíguo o último verso, uma vez que o recurso, eufemístico talvez, ao verbo dormir poderá indiciar a morte. Refira-se, porém, que se a morte é uma linha tratada por Matilde nestes seus poemas para a infância, a vida, em contraponto, surge igualmente versada, por exemplo, em poemas como “O rosmaninho” ou “O berço”. Note-se como, naturalmente com a sensibilidade e a sutileza que caracterizam o discurso poético de Matilde, o tópico da morte tem espaço em *As fadas verdes*.

### As representações da morte na LIJ portuguesa contemporânea

#### Na poesia

Na poesia contemporânea, um modo manifestamente prolífico da LIJ portuguesa, o tópico da morte surge tratado com relativa assiduidade em certos autores, como é o caso de Álvaro Magalhães, que, na verdade, tem centrado o seu olhar poético nesta como em outros tópicos de raiz existencialista, como a vida ou a condição humana e, até, o amor. No que diz respeito à morte, esta surge poetizada diversamente, por exemplo, em textos incluídos na coletânea *O Reino Perdido* (1986), como são os casos de: “A sombra”, poema que fecha com uma pergunta retórica e precisamente com a referência ao dia da partida para sempre “desta terra”; “Hipopótamos”, na referência a estes seres agora celestes, mas que, em tempos, existiram na terra; e, ainda, de forma mais ostensiva, em “A gata branca”, com a presença de felino que, agora, “é uma semente adormecida” no quintal, depois de ter desenrolado até ao fim o novelo de lã, metáfora do fio da vida, e cuja partida é profundamente sentida pelo sujeito poético. Num dos últimos volumes publicados pelo autor, *Poesia-me* (2016), a linha ideotemática em questão ressuma igualmente, por exemplo, em textos como “Não é para compreender”, longo poema no qual se reflete e procura compreender o mistério da vida e da morte, e “História da sombra e do pássaro dela”, marcado por uma tragicidade, mas também pelo sobrenatural, que a persistência do vocábulo sombra já permite antever.

Em certos poemas de João Pedro Mésseder, designadamente: “Borracha”, incluído em *Pequeno Livro das Coisas* (2012), texto no qual a ideia de morte se encontra metaforizada a partir do vocábulo “apaga”, duplamente entendido, aliás, já que significa tanto eliminar como falecer ou desaparecer; “Espingarda”, que integra também a obra referida e no qual o vocábulo morte se encontra registado como uma ambição do objecto de guerra aqui poetizado e cujo sentido fundamental parece, na verdade, estender-se aos dois poemas que se seguem, “Míssil” e “Capacete”; e “Morte e vida”, patente em *Canções*

*do ar e das coisas altas* (2018), no qual a perda de uma ave é preenchida pelo voo de uma outra, havendo, pois, uma nota de renovação e esperança,

### Em textos narrativos

#### Contos de autor

*O Capuchinho Cinzento* (2005), de Matilde Rosa Araújo, situa o leitor num espaço em que se cruzam o real e o onírico, o passado e o presente, a infância e a velhice, a serenidade ingénua e a angústia consciente face à certeza de que, como a imparável água que corre da fonte e que não adianta “prender no cantarinho de barro”, também a vida não tem retorno e terá o seu *terminus*. Nesta obra, pela voz de uma narradora, que se identifica com a figura do Capuchinho Cinzento, propõe-se uma reflexão profunda sobre a condição humana e sobre a transitoriedade da vida. Retomando, com delicadeza, alguns elementos da narrativa clássica –como as figuras do Capuchinho Vermelho e do Lobo e os tópicos da infância e do medo–, Matilde Rosa Araújo desvenda uma intensa vida interior, metaforizando as temáticas da velhice e dos diferentes medos que esta encerra, assim como da morte.

Na coletânea de três contos *Três histórias de amor* (2003) Álvaro Magalhães cruza os *topoi* do amor e da morte em narrativas que sugerem a necessidade de uma fruição plena da existência e dos afetos, atendendo a fugacidade do tempo e finitude da vida. No conto “O segredo da menina morta”, uma espécie de *requiem* literário dedicado às vidas inocentes ceifadas demasiado cedo, dois jovens vivem um amor perturbado pela alma de uma menina que já partiu, mas que permanece presente. Em “Romance de Lucas e Pandora”, a ação é protagonizada por dois felinos apaixonados que, depois de uma intensa vivida em conjunto, sentem aproximar “o cheiro da morte” (Magalhães, 2003: 38) e procuram descobrir o que o destino lhes reserva. O terceiro texto, “História do Velho e da sua linda noqueira”, dialoga intertextualmente com o universo da tradição oral, ao ser protagonizada por Miséria, um homem apaixonado pela sua noquei-

ra. A narrativa cruza o imaginário do conto “Comadre Morte”, com o qual partilha alguns elementos, pela força como a personagem, graças à astúcia, consegue enganar a Morte, adiando-a até ao momento em que descobre que o sofrimento de uma vida eterna é tão doloroso como o de uma existência demasiado breve.

*O rapaz do espelho* (2008), também de Álvaro Magalhães, uma homenagem ao escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, possui como protagonista o autor de *O Traje Novo do Rei*. Com onze anos, H. C. Andersen repara, numa noite de verão, num facto insólito: estava a nevar em casa do seu vizinho alfaiate. A descoberta de que este nevão indicia o terrível castigo imposto pelo Senhor das Neves ao pobre alfaiate, por não lhe ter terminado o seu manto em tempo devido, desencadeia a aventura do pequeno Hans, que decide ir à procura do “Lado de Lá...”. Motivos recorrentes na escrita de Álvaro Magalhães, como real *versus* onírico ou aparência *versus* essência, são aqui alguns dos ingredientes fundamentais desta narrativa, pontuada pela intertextualidade, por uma especial componente fantástica e por um discurso vivo e próximo dos leitores mais jovens. As ilustrações de José Miguel Ribeiro, compostas em técnica mista, recriam os principais traços que distinguem as personagens e os cenários em que estas se movem, reforçam a componente humorística da narrativa e contribuem para a descoberta do desfecho inesperado do conto.

Manuel Jorge Marmelo, em *O Peixe Baltasar* (2005), uma obra assinada a meias com o filho, Jorge Afonso Marmelo, trata a questão do ciclo da vida de um pequeno peixe de aquário, permitindo, pelas questões que coloca, perceber a forma como a criança observa o mundo que a rodeia. A morte do pequeno peixe e as circunstâncias que a rodeiam são pretexto para a abordagem de questões ligadas à efemeridade da existência.

Miguel Sousa Tavares, por seu turno, recorre à matriz da ficção científica em *O Planeta Branco* (2005), para tratar um conjunto de temas atuais, ligados à relação do homem com o meio ambiente, ao mesmo tempo que promove a reflexão sobre um conjunto de questões inquietantes como a morte e a vida depois dela, o envelhecimento e

a existência de vida em outros planetas. No singular planeta branco, habitado pelos mortos, guardam-se segredos sobre a vida e sobre o futuro que, segundo o seu guardião, devem permanecer desconhecidos porque “é assim que está escrito: o homem nunca deve saber o que existe depois da vida. Deve viver a vida como uma coisa única e preciosa. Um presente dos deuses” (Tavares, 2005: 77). A vida, no seu ciclo de nascimentos e mortes, cumpre-se e prolonga-se para lá dos tempos, sob diferentes formas. Mais recentemente, Ana Lázaro publicou *Os Pescadores de Nuvens* (2019), uma narrativa com matriz no universo maravilhoso, que trata da questão do desaparecimento do avô, figura marcante na vida do protagonista da história, reforçando o relevo das suas memórias, construídas no seguimento de anos de convivência próxima com o neto, marcada pela dimensão simbólica e metafórica.

#### Romances juvenis

A morte surge como um motivo de reiterada relevância num número considerável de romances juvenis portugueses contemporâneos, associada aos dilemas existenciais dos adolescentes protagonistas, que experimentam, pela primeira vez e em circunstâncias traumáticas, a dor da perda de pessoas próximas, com relevo para os avós, mas também para os pais.

No caso dos avós, destacam-se volumes como *Supergigante* (2014), de Ana Pessoa, *Coisas que acontecem* (2018), de Inês Barata Raposo, onde a morte do avô e da avó, respetivamente, são estruturantes nas narrativas, na medida em que têm um impacto decisivo nas ações dos protagonistas, colaborando, até, na conformação das suas personalidades.

Assim, no romance de Ana Pessoa, acompanhamos Edgar, o protagonista, numa alucinante corrida pela cidade e pelas suas memórias pessoais num dia marcado por duas emoções fortes e completamente opostas, a dor provocada pela morte do avô e a alegria resultante da experiência do seu primeiro beijo. Esses dois extremos emocionais são responsáveis pela perturbação de Edgar, dividido en-

tre a exaltação amorosa por ter sido beijado por Joana e a tristeza pela perda definitiva do avô. Durante a corrida, misturam-se, deste modo, várias memórias e muitas emoções, naquele que parece ser um momento determinante do próprio crescimento e construção identitária da personagem, arrancada subitamente da infância para os dilemas existenciais da idade adulta, onde se cruzam vida e morte, passado e futuro, amor e sofrimento, dúvidas e certezas, numa afirmação pessoal não isenta de problemas.

Em *Coisas que acontecem* (2018) é a morte da avó, ao colocar um ponto final a uma relação cúmplice e estruturante da vida da narradora, que dá origem ao episódio de revolta e violência sobre si própria (o “ataque de nervos”, nas suas palavras), uma espécie de pedido de ajuda da personagem, incapaz de lidar com a dor da perda da avó. Será também essa auto-agressão que a conduz ao processo de terapia psicológica a que se submete e que tem como consequência a escrita do romance, por conselho da psicóloga. Não ocupando a mesma centralidade na história do que a zanga entre as duas amigas, a morte da avó acaba por marcar a perda de uma espécie de porto de abrigo da protagonista, a braços com problemas de vária ordem. Veja-se, ainda, como a morte está presente no imaginário da narradora, funcionando como forma de combater as insónias que a atingem. Nessas alturas, imagina-se morta em diferentes situações em contextos, como forma de se acalmar, a que dá nomes e descreve com pormenor, numa espécie de construções ficcionais que assentam na ideia de que só depois de morta é que lhe será reconhecido o devido valor.

Vejam-se ainda os volumes que referem a morte dos pais como episódios traumáticos que marcam a infância dos filhos, despertando neles, além da dor da perda, também a culpa e o remorso, em resultado de uma certa incompreensão perante o sucedido, como é o caso de *Irmão Lobo* (2013), de Carla Maia de Almeida, e *Não te afastes* (2018), de David Machado. No romance de Carla Maia de Almeida, a morte do pai, sobre qual paira a incerteza sobre se terá sido um acidente ou o suicídio, é simultaneamente a única saída possível

para a espiral auto-destrutiva pela qual enveredou, culminando no roubo das joias e no rapto da própria filha, mas também significa a sua redenção, atendendo a que salva uma família de turistas australianos perdidos no fogo. Já na obra de David Machado, a morte do pai resulta de um acidente do qual o filho se culpa, o que motiva a sua fuga de casa e a série de aventuras que se segue. Os remorsos e os sentimentos de culpa perante a perda sofrida só serão superados depois do longo e atribulado percurso de redenção da personagem, pelo que a morte é uma espécie de gatilho da própria narrativa. Também *Os livros que devoraram o meu pai* (2010), de Afonso Cruz, Elias Bonfim, o narrador, inicia uma demanda pelos livros da biblioteca do pai na tentativa de o encontrar, já que ele morrera mesmo antes do seu nascimento. Mas é a morte do melhor amigo, entendida como consequência do assédio verbal que Elias exerce sobre ele, que desencadeará o sentimento de culpa e o remorso que o narrador procura expiar através da leitura dos maiores clássicos da literatura e da escrita da narrativa, num percurso marcado pelos grandes temas literários do amor, do ciúme, da vida e da morte.

Tema transversal a grande parte da produção literária de Álvaro Magalhães, como já foi referido anteriormente, a morte também não está ausente das suas narrativas juvenis. A título de exemplo, refira-se o romance *O rapaz dos sapatos prateados* (2013), onde a morte surge de diversas formas e com significados diferentes, como um tema omnipresente, ao longo da narrativa. Tem particular impacto a morte do avô, quase no final do livro, como acontece em outras obras já mencionadas, mas também surge a referência ao suicídio falhado do senhor Henrique, o dono da frutaria. A reflexão sobre a morte ocupa frequentemente o pensamento do narrador<sup>8</sup>, que imagina diferentes cenários para a existência *post mortem* das pessoas que conhece, em cenas que combinam reflexão existencial com humor, como se verifica no capítulo intitulado “Todos no céu, amontoados, como pãezinhos de leite” (Magalhães, 2013: 83).

8. Ver capítulos 10, 11, 13, 21 e 22, por exemplo.

Finalmente, refira-se que a morte também pode surgir com outros contornos narrativos, como acontece em *Diário de um Adolescente na Lisboa de 1910* (2016), de Alice Vieira, assumidamente históricos, com menor implicação pessoal, a fazer jus ao contexto romanesco.

### Livros-álbum

Sendo um tema sobre o qual é difícil conversar com crianças mais pequenas, o livro-álbum, leitura catalogada como preferencial para essas faixas etárias de que trazemos cinco exemplares, tende a tratá-lo com recurso a casos concretos, em que o desaparecimento é evidente e a falta é a do que está mais próximo. Mas há exceções, trataremos duas, que evocam e presentificam a morte enquanto conceito, perspectivado num discurso quase filosófico, e enquanto facto político dirigindo-se, num discurso empatizante, à criança que está longe de realidades cruas onde a morte é causada por desordens não naturais.

De uma forma geral, os pequenos leitores-ouvintes-observadores, do livro e do mundo, apenas têm da vida um vislumbre que lhes permite só problematizar o que, de facto, lhes toca de muito perto: a morte de um animal de estimação ou de familiares idosos. Acontece o primeiro caso em *Gato procura-se* (2015), de Ana Saldanha e Yara Kono.

Fazendo coincidir a voz do narrador com a da personagem principal infantil que propicia a identificação do leitor com a situação narrada, o texto do álbum assume um ritmo de quase ladainha, ao repetir a constatação do desaparecimento do gato como uma dúvida, que não é uma pergunta, mas que suscita da parte dos adultos respostas. Estas vão explicando o desaparecimento num percurso que vai da esperança no regresso à confirmação da morte, numa conclusão a que a criança chega e de que desconfia com o passar do tempo, que no livro são as páginas folheadas. Do factual desaparecimento ao escolher outra família, voar, ir para o céu, são os eufemismos habituais em que o dono do gato que tinha sete vidas, e a quem calhou viver com ele a sétima e não a primeira, vai deixando de acreditar,

preparando-se para o vazio da morte, dado a ler na ilustração. Como afirma, José António Gomes (2015):

O crescente despojamento visual das páginas que separam as várias ‘explicações’ dadas pelos adultos (ouvimo-las em discurso indirecto), nas quais se repete apenas, quase sempre isolada, a patética frase ‘O meu gato desapareceu’, esse despojamento, dizia, vai contrastar com o conteúdo, vibrante e cheio de colorido, das páginas onde surge representado o imaginado destino do gato (o que não deixa, curiosamente, de lhe inculir uma segunda, terceira, quarta... vida ao nível das ilustrações). Esta estrutura “preenchido”/“despojado” que se repete ao longo do álbum não só confere ritmo à sequência como impõe uma peculiar dinâmica de leitura.

A morte da avó é tema de *A Manta, uma história aos quadradinhos (de tecido)* (Isabel Minhós Martins e Yara Kono, 2010) e de *O Livro da Avó* (Luís Silva, 2007). A evocação da figura afetuosa que deixou um vazio que fica apenas preenchido pelas recordações do que de bom o/a narrador/a partilhou desses tempos, cheios de primos, gargalhadas e mimos. Mas também do “seu feitio”, revelado em prováveis e inevitáveis ralhetes, resultado do convívio próximo e frequente entre gerações diferentes. Ao contrário do que acontece com a perda de um animal de estimação, que parece sempre constituir-se como um ensaio para a criança lidar, na vida que tem pela frente, com perdas muito mais marcantes e dolorosas, como a de familiares ou amigos próximos, estes álbuns acentuam a recordação como um passar de testemunho, uma forma de herança simbólica. Em *A Manta* essa herança materializa-se numa manta de patchwork, em *O Livro da Avó*, na expressão da saudade que, em vida ou na morte, sentimos de quem gostamos e com quem não estamos tantas vezes quantas as que queremos.

O subtítulo do álbum *A Manta* criará a expectativa de que se trata de um livro que segue as regras de um outro género, a BD, mas de facto, não é a narrativa que é em patchwork, já que segue uma construção bem linear (conflito sobre a manta após a morte da avó, recordações que a manta traz à narradora homodiegética e a resolução do conflito com final feliz). Esta espécie de truque aguça a

curiosidade e faz o leitor concentrar-se, num primeiro momento, na personagem principal que é a manta e não a avó desaparecida ou a narradora saudosa. Só ao avançar-se na leitura, e talvez com um acompanhamento adulto até sugerido pelo uso recorrente da primeira pessoa do plural, se aperceberá de que a manta funciona como o objeto que “substitui” a avó desaparecida. Este truque do “objeto transicional” responde, ao mesmo tempo, à necessidade humana de materializar a memória para homenagear o que já não está presente, simultaneamente, para que essa pessoa ausente continue a enriquecer os que lhe sobrevivem e sentem a falta:

Há pouco tempo reparámos que alguns retalhos começam a precisar de substituição. É por isso que já lá está um quadradinho do meu pijama às riscas (...) (Já agora: o quadradinho do meu pijama também tem uma história. Foi a minha tia que mo ofereceu há uns anos porque o achou parecido com um pijama antigo da avó.) Procurei-o na manta e ele lá estava. Realmente é quase igual ao meu. Eu e a minha avó, as duas dormindo lado a lado até os tecidos se gastarem e novas histórias chegarem a esta manta.

A ilustração e design de Yara Kono, sempre com a conjugação das suas cores –preto, amarelo, branco-sujo– predominantes, realçam detalhes do texto, figurando objetos nele referidos, mas num cenário recheado de referências ao mundo das caixas de costura que merecem um olhar mais atento que responde a curiosos, já leitores ou em formação.

N’ *O Livro da Avó*, Luís Silva traça-nos cenários muito realistas, com ilustrações que nos dão pontos de vista quase cinematográficos, e em que o pouco texto se reduz ao essencial. Começando e acabando numa expressão semelhante, cujo sentido o narrador só aprendeu, dando-lhe o valor emocional, com a morte da avó: “Fazes-me muita falta!”, “Fazes-me falta!”. O narrador é a personagem que cresceu do princípio para o fim do álbum, de formato garne, retangular em sentido de paisagem, que desta forma volta a dar-nos a impressão de estarmos diante de um ecrã que manipulamos. Assistimos de relance também à histórias passadas em África, memórias da avó, partilhadas com a mesma nitidez com que o ilustrador retrata as suas memó-



rias com os primos e os pais em visita a casa da avó. E se a primeira imagem que temos é de uma avó grande e enrugada e um menino pequenino, pelo meio temos uma avó a abraçar debruçada o neto. Imagem que se repete, como posfácio, no fim do álbum em detalhe esbatido como numa recordação, a penúltima é a de um adulto sentado a uma mesa, imaginamos que a criar o próprio álbum, num artifício de mise-en-abîme e metatextual, revelando as condições da criação do próprio álbum com possível caráter autobiográfico. Mas é a ilustração que marca o momento da morte da avó —o imenso mar numa página ímpar, desacompanhada do silêncio da página par em branco— que é particularmente poética e enigmática, metáfora da imensidão da ausência e a incerteza do destino.

Sobre esse desconhecido, relativizado ao comparar-se com vários desaparecimentos que povoam o nosso quotidiano, é o álbum *Para Onde Vamos Quando Desaparecemos?* (Isabel Minhós Martins e Madalena Matoso, 2011) que elencamos na lista de recomendações deste monográfico. O álbum chama subtilmente a atenção para as ausências e as dificuldades em lidar com elas ou explicá-las, numa atitude muito mais provocadora do que reativa. O álbum não espera explicar a dor, mas a incerteza das grandes mas também nas pequenas coisas, mas faz valer a pena toda e qualquer pergunta, até aquelas para que não temos uma resposta certa ou de certezinha. Um título que parece prometer glosar os versos de Alberto Caeiro quando dizem: “A espantosa realidade das coisas / É a minha descoberta de todos os dias. / Cada coisa é o que é, / E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra, / E quanto isso me basta.”

Cumprindo o valor político da obra literária, que não fica de fora da literatura infantojuvenil, o álbum escrito por João Pedro Mésse-der para os desenhos de Ana Biscaia, *Que Luz Estarias a Ler?* (2015), é um livro, desenhado, escrito e editado em memória das crianças mortas em Gaza no verão de 2014. Mortes políticas que Ana Biscaia homenageia ao criar uma série de desenhos inspirados em fotografias tiradas após o massacre e em que crianças procuravam livros nuns escombros. Convidado a escrever um texto que, como numa éfrase,

se inspirasse nesses desenhos, surgiu o álbum. A história é contada na primeira pessoa por uma sobrevivente do ataque à sua escola chamada Aysha, que procura o livro que Kalil, o seu melhor amigo, estaria a ler. A leitura dos livros servia-lhe de trincheira: “quando lia histórias, dizia, era como se deixasse de ouvir os estrondos, os tiros, os gritos ao longe, as sirenes. Era como se uma luz se acendesse no coração do escuro”. O escuro deixa de ser medo e, após o bombardeamento, passa a significar a morte, real, que Aysha enfrenta, ela agora, também à procura dessa trincheira. Procura nos “buracos entre as pedras” causados pelas bombas essa luz que vive naquele livro, e em todos os livros que, literatura e arte, passam a simbolizar, como um testemunho, a resistência ao esquecimento. Aysha promete que “quando a guerra terminar, levarei estes livros para a nova escola”.

#### Outros géneros e formatos editoriais relevantes

A novela gráfica, na segunda e início da terceira décadas do século XXI, tem vindo a ganhar terreno nas estantes e no gosto de jovens leitores e adultos mediadores. Retomamos o título da nossa seleção, *Toutinegra* (2019), em que André Oliveira assume a onnipresença da morte em ambos os discursos, verbal e icónico: nos acontecimentos do enredo, no cenário da aldeia portuguesa envelhecida, na galeria de imagens, no atavismo das práticas e superstições, na figuração de elementos não-humanos, na representação de símbolos materiais e imateriais. Tudo, em *Toutinegra*, se desenrola em torno da morte: a accidental, a provocada, a natural, o suicídio. O isolamento, associado tantas vezes à velhice, atinge igualmente as duas únicas crianças numa pequena aldeia envelhecida, mais no corpo do que na mentalidade. Quer a professora, quer os pais de Adelaide, ou Laidinha, se mostram bastante modernos na maneira de educar os dois jovens, conscientes das suas circunstâncias: uma filha serôdia a quem a morte dos pais se avizinhara mais rápida do que “o normal” e a orfandade de Pedro, adotado por uma mulher cujo vício e loucura não é nem disfarçada, nem ignorada pela aldeia que contribui, coletivamente, para que Pedro não sofra ainda mais. Uma novela algo

tenebrosa, em que a morte é a única certeza que, de certa forma, ganha um estatuto de quase banalidade – “Porque não resta nada, além da morte. Deus fez tudo só para mostrar que consegue” (Oliveira, 2019: 91). As epígrafes – de Agostinho da Silva, Monsenhor José de Freitas e Vergílio Ferreira – e a dedicatória “Para o Geraldês Lino, com toda a nossa gratidão e saudade” (*Ibidem*: 6), são indicadores desse mesmo tom. Geraldês Lino (1936-2019) foi um reconhecido entusiasta da BD e das fanzines em Portugal e o teor das epígrafes remete, mais ou menos expressamente para as questões do destino, da memória, da saudade e da efemeridade. Uma novela que requer mais do que uma leitura para preencher as elipses que, intencionalmente, cria, aguçando a vontade de a recomençar, mais do que só uma outra vez até.

Com formato pop-up, da autoria de um outro autor também emergente no panorama da literatura infantojuvenil portuguesa, *O Homem Coração de Choupo*, de Marco Taylor (2018), trata a morte a partir de uma lindíssima história de amor, contada por um filho sobre o seu estranho pai. Num livro-objeto que também dificilmente pode ser todo, texto e imagens tridimensionais, lido à primeira vez, já que ao manipulá-lo somos quase tocados pelas ilustrações tridimensionais que, literalmente, nos assaltam o caminho da leitura do texto ao folhear o livro. E quer umas, quer outros, são suficientemente cativantes para obedecermos a essa repetição. O que Fisgas, o narrador, e filho do carpinteiro que quis ter o seu coração doente substituído por um coração de choupo, nos conta é a sua história de orfandade. À solução mágica e maravilhosa para a doença do pai, só se poderia seguir uma morte igualmente poética, tal como a conceção do próprio narrador:

Quando o meu pai tinha já a pele como casca dura e pequenos troncos a saírem-lhe das costas, a minha mãe gravou-lhe no peito, com um canivete, a letra B, de Bárbara, na zona do coração de choupo. Meses depois eu nascia. Uma manhã, o meu pai saiu de casa para caminhar na floresta e nunca mais voltou.

Este livro é um exemplo de como pelo tema da morte o texto se predispõe a ser lido pela perspectiva, também relativamente emergente, da ecocrítica.

### No texto dramático

Nos textos dramáticos de Álvaro Magalhães o tópico da morte substantiva-se diversamente, mas sempre a partir de uma perspectiva enigmática que suscita hesitação. *Enquanto a Cidade Dorme* (2000), texto dramático, motivado pelo romance juvenil *A Ilha do Chifre de Ouro* e enquadrado pelo sonho, pela imaginação e pelo fantástico, tem como “actores” Rui, Ana e o anão Martim. Os dois jovens “cumprem a busca ritual e cíclica da totalidade mágica da vida”. A visita de um anão tem como objetivo fazê-los assinar o Tratado da Lembrança. Com uma forte presença do imaginário, em que o maravilhoso e o fantástico surgem reflectidos em elementos como a noite, em criaturas como fadas, gnomos, ondinas e duendes, ou numa Fonte dos Sonhos e do Esquecimento, esta é uma obra que, convidando à reflexão, tematiza o tempo, a par da morte, do sonho, do real e do aparente e, ainda, do conhecimento do eu, do outro e do mundo.

Em *História do Sábio Fechado na Sua Biblioteca* (2009), obra que tematiza alguns dos núcleos semânticos/ideológicos mais recorrentes na produção literária de Manuel António Pina, assistimos ao percurso de um Sábio anónimo que vive solitário, “fechado” e desanimado por julgar possuir um conhecimento infalível, adquirido através da leitura de livros. A “viagem” que acaba por empreender e na qual se encontra com a Morte, disfarçada de Estrangeiro, com um Palhaço, uma Rapariga, um Mendigo, um Doente e, por fim, com uma (outra) Rapariga, finaliza com uma inesperada descoberta: afinal, nunca tinha saído do mesmo lugar – a sua biblioteca – e, afinal também, há muito tinha morrido: “no momento em que soube a última coisa de todas as coisas que havia para saber”.

Mais fenómeno de cultura juvenil do que exemplo literário no tratamento da morte pelo texto dramático, *Os Herdeiros da Lua Joanna* (2003), como afirma a autora, Maria Teresa Maia Gonzalez, é

uma resposta ao sucesso que a novela *A Lua de Joana* (1994) teve entre o público escolar e foi mesmo adaptado ao teatro em 2007 pela companhia de teatro Artyaplausos. Pondo em palco todas as personagens que se debatem contra os remorsos de terem deixado Joana suicidar-se, a que se junta um psicólogo, a intenção deste texto dramático tem uma agenda: “a advertência contra o uso de drogas que é cada vez mais importante nos tempos que correm”. A mensagem não se adentra pela linguagem literária: personagens e reações previsíveis que, coerentemente, usam o discurso e o nível de linguagem que deles se espera. O luto mostra-se, sempre longo e doloroso como é, apesar do consolo de sabermos que, para o futuro dos seus herdeiros, a morte de Joana não terá sido em vão.

### Considerações finais

Sem pretensões de exaustividade, a breve panorâmica aqui traçada permite concluir que o tema da morte é transversal a todos os modos e géneros literários e tem vindo a ganhar relevo, mesmo no âmbito dos livros destinados a leitores mais jovens, como é o caso do livro-álbum, onde, apesar de tudo, não tem ainda o mesmo destaque que conhece no âmbito do romance juvenil. Com relevo nos textos tradicionais e nas suas recriações contemporâneas, levadas a cabo por alguns dos mais consagrados autores portugueses, o tema ganha novas declinações em textos mais recentes, permitindo, como acontece em grande parte dos romances juvenis, tematizar os efeitos da perda de familiares e figuras estruturantes na vida dos adolescentes, confrontando-os, pela primeira vez, com dores existenciais que fazem parte dos seus percursos de crescimento e de afirmação identitária.

Ainda a propósito da presença abundante do tema da morte nos textos da tradição oral popular portuguesa, herança e património transecular, dos anos 90 chega-nos *A história da Carochinha e do infeliz João Ratão* por António Torrado. O autor conversa com o sentido mais profundo e menos lúdico deste conto com lenga-lenga que

consegue a proeza de dar nome, ainda que normalmente com um sentido disfórico, a toda e qualquer narrativa que parece feita para encantar os seus ouvintes. E nessa conversa, não só cria belos versos sobre o enamoramento, como apela para o tema da morte, tratado como um pequeno poema épico, e metaforizando o luto na lenga-lenga que lhe sucede: “Que a história que vou contar / é história de luto e dor. / Em história assim similar / muito sofre o contador. / Pudesse eu remediar / o como a história acabou / que não estaria a chorar / ainda ela mal começou.”

Já no volume *Contos de Grimm para Meninos Valentes* (2009), de Alice Vieira, coletânea de reescritas, a morte, associada ao medo, substantiva-se em menções associadas à superação de provas e à coragem –por exemplo, em “Os sapatos estragados”–, ao ataque de “cobras e lagartos” no meio da floresta –como em “São José e as três irmãs”– e ao fratricídio –como em “Os três irmãos”. No último conto desta compilação, “Onde estão os tolos deste mundo?”, a morte surge como uma entidade justa que distingue os bons dos maus e, quando “chega a hora da verdade”, “nunca é tola, nunca se deixa enganar”. Nestes contos, prevalecem as personagens humanas, ora temerosas, ora “negligentes” relativamente à morte. Trata-se, aliás, de uma vertente com elevada assiduidade no acervo literário tradicional oral, embora talvez menos notório no conjunto de textos a este pertencentes, mas “anexados”, por vida da reescrita ou da adaptação, à literatura de potencial receção infantil.

Constata-se, ainda, que os textos contemporâneos que tratam ou aludem ao tema da morte a associam maioritariamente às figuras dos avós, sendo menos relevantes aqueles que integram a questão da morte de animais ou mesmo a morte infantil, praticamente ausente. O tratamento literário do tema assume preferencialmente contornos realistas, numa espécie de aproximação dos leitores a uma das evidências mais duras da existência, a da sua finitude.



### Referências bibliográficas

- Arfeux-Vaucher**, Geneviève (1994). *La vieillesse et la mort dans la littérature enfantine de 1880 à nos jours*. Paris: Imago.
- Bailis**, Lawrence A. (1978). "Death in children's literature: A conceptual analysis". *Omega, Journal of Death and Dying*, 8, pp. 295-303.
- Carvalho**, Cláudia Ezílgia de (2001). "A Presença da morte na literatura infantil do Brasil". *Anais do Congresso de Leitura do Brasil* 12, Campinas, ALB, 1 CD.
- Davis**, Gary L. (1986). "A content analysis of fifty-seven children's books with death themes". *Child Study Journal*, 16, pp. 39-54.
- Gibson**, Lois Rauch; **Zaidman**, Laura M. (1991). "Death in Children's Literature: Taboo or Not Taboo?". *Children's Literature Association Quarterly*. 16(4), pp. 232-234.
- Gomes**, José António (2015). Texto de apresentação de *Gato Procura-se*. [Disponível em: [http://caminho.leya.com/fotos/editor2/gatoprocura\\_se.pdf](http://caminho.leya.com/fotos/editor2/gatoprocura_se.pdf)].
- Marshall**, Ruben (1975). "The concept of Death in Children's Literature". *Annual Meeting of the Illinois Association of School Librarians* (Springfield, Illinois, April 10-12) [Disponível em: <http://eric.ed.gov/?id=ED111431>].
- Mendes**, Teresa de Lurdes Frutuoso (2013). "A Morte dos Avós na Literatura Infantil: análise de três álbuns ilustrados". *Educação*

*& Realidade*, 38(4), pp. 1113-1127. [Disponível em: <https://comun.rcaap.pt/bitstream/10400.26/14306/1/A%20morte%20dos%20avós%20na%20LI.pdf>].

- Poling**, Devereaux A.; **Hupp**, Julie M. (2008). "Death Sentences: A Content Analysis of Children's Death Literature". *The Journal of Genetic Psychology*, 169(2), pp. 165-176.
- Ramos**, Ana Margarida (2015). "Reescrever a morte na narrativa infantil portuguesa contemporânea". *Tropelias. Revista de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada*, 23, pp. 151-162. [Disponível em <https://papiro.unizar.es/ojs/index.php/tropelias/article/view/1003>].
- Romero**, Carol E. (1974). *The treatment of Death in Contemporary Children's Literature*, Tese de Mestrado, Long Island University.
- Silveira**, Rosa Maria Hessel (2012). *Velhice e Morte na Literatura Para Crianças: apontamentos sobre o que e como se ensina a elas*. [Disponível em: <http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2977/234>].
- Wiseman**, Angela M. (2012). "Summer's End and Sad Goodbyes: Children's Picturebooks About Death and Dying". *Children's Literature in Education*, 44, pp. 1-14. [Disponível em <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s10583-012-9174-3.pdf>].
- Textos de LIJ**
- Almeida**, Carla Maia (2013). *Irmão Lobo*. Carcavelos: Planeta Tangerina. [Ilust. António Jorge Gonçalves].
- Araújo**, Matilde Rosa (1977). *O Gato Dourado*. Lisboa: Livros Horizonte. [Ilust. Maria Keil].
- Araújo**, Matilde Rosa (1994). *As Fadas Verdes*. Porto: Civilização. [Ilust. Manuela Bacelar].

- Araújo**, Matilde Rosa (2005). *O Capuchinho Cinzento*. Lisboa: Paulinas. [Ilust. André Letria].
- Colaço**, Maria Rosa (1961). *Espanta-Pardais*. Lisboa: Soc. Expansão Cultural.
- Correia**, Maria Cecília (1960). *Histórias de Pretos e de Brancos*. Lisboa: Ática. [Ilust. de Maria Keil].
- Cruz**, Afonso (2010). *Os livros que devoraram o meu pai*. Lisboa: Caminho.
- Dacosta**, Luísa (1974). *O elefante cor-de-rosa*. Porto: Figueirinhas.
- Gonzalez**, Maria Teresa Maia (2003). *Os de Joana*. Lisboa: Verbo.
- Lázaro**, Ana (2019). *Os Pescadores de Nuvens*. Porto: Porto Editora. [Ilust. Sebastião Peixoto].
- Machado**, David (2018). *Não te afastes*. Alfragide: Editorial Caminho.
- Magalhães**, Álvaro (1986). *Reino Perdido*. Porto: ASA. [Ilust. Manuela Bacelar].
- Magalhães**, Álvaro (2000). *Enquanto a Cidade Dorme*. Porto: Campo das Letras.
- Magalhães**, Álvaro (2003). *Três Histórias de Amor*. Porto: ASA.
- Magalhães**, Álvaro (2008). *O rapaz do espelho*. Lisboa: Texto. [Ilust. José Miguel Ribeiro].
- Magalhães**, Álvaro (2013). *O rapaz dos sapatos prateados*. Porto: ASA.
- Magalhães**, Álvaro (2016). *Poesia-me*. Porto: ASA. [Ilust. Cristina Valadas].
- Marmelo**, Manuel Jorge; **Marmelo**, Jorge Afonso (2005). *O peixe Baltasar*. Vila Nova de Famalicão: Quasi. [Ilust. Joana Quental].

- Martins**, Isabel Minhós; **Matoso**, Madalena (2011). *Para Onde Vamos quando Desaparecemos?* Carcavelos: Planeta Tangerina.
- Martins**, Isabel Minhós; **Kono**, Yara. (2010). *A Manta. Uma história aos quadradinhos (de tecido)*. Carcavelos: Planeta Tangerina.
- Mésseder**, João Pedro (2012). *Pequeno Livro das Coisas*. Lisboa: Caminho. [Ilust. Rachel Caiano].
- Mésseder**, João Pedro (2014). *Que Luz Estarias a Ler?* Coimbra: Xerefé. [Ilust. Ana Biscaia].
- Mésseder**, João Pedro (2018). *Canções do ar e das coisas altas*. Lisboa: Caminho. [Ilust. Rachel Caiano].
- Oliveira**, André; **Majer**, Bernardo (2019). *Toutinegra*. Lisboa: Edições Polvo.
- Pessoa**, Ana (2014). *Supergigante*. Carcavelos: Planeta Tangerina. [Ilust. Bernardo Carvalho].
- Pina**, Manuel António (2009). *História do Sábio Fechado na Sua Biblioteca*. Lisboa: Assírio & Alvim. [Ilust. Ilda David].
- Raposo**, Inês Barata (2018). *Coisas que acontecem*. Figueira da Foz: Bruáa. [Ilust. Susa Monteiro].
- Saldanha**, Ana; **Kono**, Yara (2015). *Gato procura-se*. Alfragide: Caminho.
- Silva**, Luis (2007). *O Livro da Avó*. Afrontamento: Porto.
- Tavares**, Miguel Sousa (2005). *O Planeta Branco*. Cruz Quebrada: Oficina do Livro. [Ilust. Rui Sousa].
- Taylor**, Marco (2018). *O homem coração de choupo (um livro pop-up)*. Edição de Autor.
- Vieira**, Alice (1990). *Os Olhos de Ana Marta*. Lisboa: Caminho.
- Vieira**, Alice (2009). *Contos de Grimm para Meninos Valentes*. Alfragide: Oficina do Livro. [Ilust. Carla Nazareth].

Vieira, Alice (2016). *Diário de um Adolescente na Lisboa de 1910*.  
Alfragide: Texto.